

A HERMENÊUTICA DAS PAISAGENS: UM DIÁLOGO ENTRE A GEOGRAFIA E A FILOSOFIA DE LUIGI PAREYSON

Landscapes hermeneutics: a dialogue between geography and Luigi Pareyson's philosophy

Francyjonison Custodio do Nascimento¹

Maria Helena Braga e Vaz da Costa²

RESUMO

A Geografia tem cada vez mais buscado referências filosóficas para um diálogo frutífero, na tentativa de dissolver as rígidas hierarquias entre os campos do saber e as dicotomias das ciências modernas. Introduzida nas disciplinas hermenêuticas, a Geografia se afastou de princípios racionalistas e modalizantes ao optar por compreender a relação entre o ser humano e o mundo, dando ênfase a dimensões existenciais. Neste caminho, o conceito de paisagem ganha proeminência ao expressar o enleir homem-mundo. Diante disso, este artigo apresenta uma proposta teórico-metodológica para a hermenêutica das paisagens. Para tanto, faz-se uso de uma revisão bibliográfica que contempla os aspectos teóricos da paisagem na abordagem fenomenológica-existencial e da hermenêutica sob inspiração do geógrafo francês Eric Dardel e do filósofo italiano Luigi Pareyson.

Palavras-chave: Paisagem. Eric Dardel. Ser-no-mundo. Fenomenologia. Experiência.

ABSTRACT

Geography has increasingly sought philosophical references for a fruitful dialogue, in an attempt to dissolve the rigid hierarchies between the fields of knowledge and the dichotomies of modern sciences. Introduced in the hermeneutic disciplines, Geography moved away from rationalist and modalizing principles by choosing to understand the relationship between human beings and the world, emphasizing existential dimensions. In this way, the concept of landscape gains prominence when expressing the relationship man-world. Therefore, this article presents a theoretical-methodological proposal for the hermeneutics of landscapes. To this end, a bibliographic review is used that contemplates the theoretical aspects of the landscape in the phenomenological-existential approach and the hermeneutics under the inspiration of the French geographer Eric Dardel and the Italian philosopher Luigi Pareyson.

Keywords: Landscape. Eric Dardel. Being-in-the-world. Phenomenology. Experience.

¹ Doutorando em Geografia no PPGe/UFRN e professor da SEEC, RN. jonisoncustodio@hotmail.com.

✉ Rua 12 de outubro, 112, Boa Esperança, Parnamirim, RN. 59140-450.

² Doutora em Estudos de Mídia (University of Sussex), professora titular do Departamento de Artes da UFRN e vice-líder do Grupo de pesquisa Linguagens da Cena: Imagem, Cultura e Representação. mhcosta.ufrn@gmail.com.

✉ Departamento de Artes, Campus Universitário, UFRN, 3000, Lagoa Nova, Natal, RN. 59078-970.

INTRODUÇÃO

O processo de reconfiguração da Geografia na segunda metade do século XX e sua conseqüente renovação de matizes epistemológicas proporcionou e foi proporcionada por uma adesão de elementos teóricos e, conseqüentemente, metodológicos de outras ciências sociais e humanas. Aliás, toda a história do pensamento geográfico está baseada em encontros, na convergência de saberes e de pesquisadores dos mais diversos campos (SAUER, 2000). Dessa vez, essa convergência resultou numa postura de negação e crítica aos postulados neopositivistas e à adequação total das premissas quantitativas da Geografia, fazendo eclodir a proposta de uma ciência geográfica mais plural e holística. Esse movimento desembocou na busca de vertentes filosóficas que sustentassem essa proposta. Entre elas, o Existencialismo e a Fenomenologia, as ditas filosofias do significado. Tais correntes, já utilizadas em outras áreas como Antropologia e História, foram elegidas para dar bases a essa proposta de Geografia (MARANDOLA JR., 2014). Na verdade, muito mais do que assumir todos os pressupostos teórico-metodológicos dessas correntes filosóficas, adotou-se o seu “espírito” e, entre outras coisas, privilegiou-se mais a vivência de mundo, a noção de experiência do que as abstrações racionais; mais a intersubjetividade do que a objetividade do positivismo lógico (HOLZER, 2016). Ademais, ingressou-se na busca de um viés metodológico condizente com a nova postura da Geografia.

Nesse processo, vários filósofos foram evocados para sustentar essa nova proposta; pode-se enumerar Martin Heidegger, Edmund Husserl, Hans-Georg Gadamer, Paul Ricoeur, Ernest Cassirer, entre outros. Todos estes, de algum modo, tiveram suas contribuições filosóficas ressignificadas, rearticuladas e reimaginadas para a elaboração de

metodologias, enunciados, noções, conceitos e, inclusive, teorias no seio da Geografia (GIL FILHO, 2012; BESSE, 2014a; DAL GALLO, MARANDOLA JR., 2016). Este artigo se coloca nesta mesma senda ao propor um diálogo entre a abordagem fenomenológica-existencial da ciência geográfica e a filosofia de Luigi Pareyson, enfatizando uma proposta hermenêutica.

Luigi Pareyson (1918-1991) é um filósofo italiano, que exerceu a docência na Universidade de Turim e teve alunos renomados, tais como Umberto Eco e Gianni Vattimo. Ele afirmava ser pertencente de uma **filosofia personalista** e seus trabalhos orbitaram em torno de temas como estética filosófica, existencialismo e hermenêutica. Também dedicou obras à experiência religiosa e à política, tendo inclusive atuação política na resistência italiana contra o movimento fascista. Apesar de sua contribuição ao pensamento hermenêutico ser anterior a Gadamer e a Ricoeur, dois ícones da hermenêutica pós-Heidegger, e de tratar de temáticas pertinentes, sua obra não tem ampla divulgação no Brasil – ainda que a sua obra sobre Estética tenha algumas ressonâncias em trabalhos voltados para o campo da arte.

Acredita-se, contudo, que a contribuição de Luigi Pareyson é fundamental, principalmente para os geógrafos humanistas que possuem interesse nas diversas leituras das paisagens, pois também está assentada na experiência, na intersubjetividade e na relação intrínseca, empática entre aquele que interpreta e o fenômeno a ser interpretado bem como nas recusas de uma postura puramente objetivista e, ao mesmo tempo, de uma atitude subjetivista, um aspecto de algo considerado meramente opinável.

De fato, mesmo sem ter sido fonte para a obra de Dardel ou de outros geógrafos, a proposta pareysoniana merece atenção dos geógrafos, posto que não só vai de encontro ao legado do cientificismo dos séculos XIX e XX no campo das ciências sociais e humanas como também tem

A hermenêutica das paisagens: um diálogo entre Geografia e a filosofia de Luigi Pareyson
 Francyjonison Custodio do Nascimento e Maria Helena Braga e Vaz da Costa

caráter propositivo. Ela apresenta, pois, uma maneira aberta e bem fundamentada para aqueles que se inquietam com a hermenêutica e com os pressupostos que, após a **virada** epistemológica da Geografia, reordenou o lugar do ser humano na ciência geográfica na segunda metade do século XX.

Diante disso, este artigo propõe pensar um caminho teórico-metodológico para as paisagens ao convocar o diálogo da geografia de Eric Dardel com os princípios da filosofia pareysoniana. Para tanto, será realizada uma revisão bibliográfica a respeito da paisagem na abordagem fenomenológica-existencial bem como da geografia na perspectiva dardeliana e da proposta hermenêutica de Luigi Pareyson, enfatizando os seus principais aspectos e estabelecendo nexos e articulações entre eles.

A PAISAGEM NA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL

Ao propor uma base teórico-metodológica para a leitura das paisagens, é essencial pensar no conceito de paisagem o qual se quer interpretar. Afinal, a depender da compreensão que se tem do conceito, a maneira de interpretá-la será diferente. Pedrosa (2016), por exemplo, demonstrou isso com a concepção de paisagem na abordagem (neo) marxista. Opta-se, aqui, pela paisagem compreendida na abordagem fenomenológica-existencial da Geografia. Isto porque foi essa abordagem, sobretudo com Eric Dardel, que incluiu a geografia como ciência hermenêutica bem como negou as bases positivistas ao valorizar a experiência humana sobre a Terra e a intersubjetividade (BESSE, 2015a). De fato, foi a renovação do estatuto da paisagem no século XX que, como se verá, proporcionou o corolário de compreender a Geografia como uma ciência hermenêutica e, assim, mais próxima da ciência proposta pelos autores, sejam francófonos ou anglófonos,

que buscavam dar um hálito de frescor a ciência geográfica através dos aportes humanistas (BESSE, 2014a; GERALDES, 2011).

Jean Marc-Besse (2011) explica que a paisagem no horizonte fenomenológico-existencial está associada ao conceito de ser-no-mundo, de ligação existencial entre o ser humano e a Terra³. Assim, citando o autor americano John Brinckerhoff Jackson, teórico e historiador da paisagem, Besse (2011) elucida que a paisagem, fugindo do entendimento da leitura crítica de inspiração neomarxista, é condição determinante do ser-no-mundo e não pode mais ser considerada fora do mundo vivido, posto que o ser humano se sabe incluído na paisagem, ou, para usar um termo heideggeriano, lançado no mundo via paisagem (FERREIRA, 2017). De fato, continua a explicar Besse (2011, p. 13), “parece necessário considerar a paisagem com noções como aquelas de ‘engajamento’ ou ‘envolvimento’ (na paisagem). Nós estamos ‘na paisagem’ seria a fórmula equivalente a ‘estamos no mundo’”⁴. Besse (2011), então, assevera que é preciso conceber as paisagens como ambientes nos quais os seres humanos estão imersos e não como objetos a serem simplesmente contemplados a distância. Inseridos na paisagem, os seres humanos estão nas dobras do mundo (*les replis du monde*), envolvem-se com ela e, portanto, não podem observá-la longinquamente. Assim, explana o autor francês, “vivemos nas paisagens antes de vê-las” (BESSE, 2011, p. 14)⁵. No seu entendimento, portanto, antes de objeto do olhar, da contemplação, a paisagem é o “contexto existencial” no qual a humanidade, consciente de sua condição terrestre, se entrelaça, se envolve, se enovela. Dessa

3 A Terra, para Dardel, não é vista simplesmente como um planeta, um corpo móvel, mas como base da existência humana”.

4 Tradução livre de: “il paraît nécessaire d’envisager le paysage avec des notions telles que celles d’engagement dans”, ou d’implication dans” (le paysage). Nous “somme-saupaysage” serait la formule équivalente à “nous sommes au monde”.

5 Tradução livre de: “Nous habitons les paysages avant de les voir”.

A hermenêutica das paisagens: um diálogo entre Geografia e a filosofia de Luigi Pareyson
 Francyjonison Custodio do Nascimento e Maria Helena Braga e Vaz da Costa

maneira, a paisagem seria da ordem da experiência vivida, estaria muito mais ligada ao mundo da vida. Em suma, o enleir entre homem e o mundo corresponde a paisagem; esta, por sua vez, expressa esse envolvimento, esse entrelaçamento entre o ser humano e o mundo, a geograficidade.

É dessa ideia acerca da paisagem que deriva o pensamento de Besse (2011) que, para compreender a paisagem, é preciso enfatizar a noção e a experiência de exposição, “de se expor a algo”, “de expor o corpo” (BESSE, 2011, p. 14)⁶. De fato, o corpo, em sua integridade, é ponto crucial nesta visão, posto que ele é condição e possibilidade da experiência da paisagem. E o corpo aqui, comenta Besse (2011), é entendido na perspectiva de Husserl. Nessa perspectiva, o corpo não pode ser considerado neutro, meramente “físico”, um corpo das ciências físico-naturais modernas que aludem a propriedades como grandeza e/ou gravidade. Portanto, trata-se de um corpo sensível, vivido, vivo, suscetível a experiências diversas. Essa compreensão é de extrema valia, pois “adquire uma carga ontológica e fenomenológica decisiva: é através de nosso próprio corpo que habitamos o mundo” (BESSE, 2011, p. 15)⁷. É por meio do corpo, por conseguinte, que realizamos a experiência, que estamos no mundo; necessita-se de um corpo para ser e estar no mundo, vivê-lo e habitá-lo. É preciso um corpo para experienciar o mundo e, portanto, ter a experiência da paisagem. Daí a experiência da paisagem, na abordagem fenomenológica-existencial, envolver os sentidos e a imaginação.

Michel Collot (2014), bebendo de Edmund Husserl e Merleau-Ponty, corrobora esse entendimento ao explicar que a paisagem se manifesta não aos corpos físicos (*körper*) e, sim, aos corpos vividos (*leib*), os

quais criam um espaço em torno de si e permitem que a paisagem, enquanto manifestação e expressão do mundo vivido, alcance os *leib*. Assim, dentro do contexto de uma releitura da filosofia da encarnação merleau-pontyana por parte de Collot (2014), é graças ao fato do ser humano ter um corpo (*leib*) que as paisagens podem encontrá-lo e vice-versa. Esta compreensão é vital para a via metodológica que se quer sugerir: o intérprete da paisagem, e todo ele, todo o seu corpo e não apenas o seu intelecto, o cogito cartesiano, é vital para o encontro com a paisagem que, serenamente, se expressa e se desvela ao envolver-se com o ser humano que, por sua vez, também se deixa ser envolvido, encontrado.

Neste sentido, a experiência da paisagem está sempre ligada a exposição, ao dar-se a terra, a deixar-se ser invadido por ela. É o encontro com a materialidade do espaço geográfico, como aludiu Holzer (2016). Assim, a paisagem, entendida como uma experiência geográfica, como uma “exposição” humana ao mundo, continua a explicar Besse (2011), tem a ver um encontro com a externalidade mais concreta dos aspectos terrestres: luz, temperatura, qualidade do ar, cheiros, água, etc. Não se trata de uma dimensão meramente estética; a paisagem não é, em primeira instância, um “espetáculo” (BESSE, 2014a). Não é uma experiência de fruição, da contemplação distante, mas de um encontro com uma matéria e suas “qualidades”. O encontro com essa externalidade, anterior ao mundo da objetivação científica, são abertos ao ser humano em sua completude, ao ser e aos seus sentidos, seus afetos, sua imaginação. Em suma, a paisagem é da ordem da experiência vivida, do *lebenswelt*. Isto é, está ligada às dimensões pré-reflexivas da experiência (COLLOT, 2014). Tendo este caráter, a paisagem expressa, evidencia não apenas conteúdos do “olhar”, do campo óptico, mas, também, expressa relações sensoriais diversas que são coexistentes e correlacionadas. A paisagem não está

6 Tradução livre de: “c’est ‘s’exposer à’, ‘exposer son corps à’”.

7 Tradução livre de: “acquier une charge ontologique et phénoménologique tout à fait décisive : c’est par notre corps propre que nous habitons le monde.”

A hermenêutica das paisagens: um diálogo entre Geografia e a filosofia de Luigi Pareyson
 Francyjonison Custodio do Nascimento e Maria Helena Braga e Vaz da Costa

relacionada, como já dito, só ao olhar, mas a todos os sentidos. Assim, a paisagem expressa, anuncia a relação do ser humano com o mundo em sua diversidade e dinamicidade.

É justamente dessa compreensão que Besse (2011) bebe da fonte dardeliana da paisagem ao propor que a paisagem é a expressão da relação do homem com a terra, a “externalização” do enovelar entre o ser humano e a superfície terrestre, da geograficidade, como elucidado pelo próprio Dardel (2015) e em outros trabalhos de Besse (1988, 2015a). De certo modo, a paisagem está relacionada ao conceito de lugar na abordagem fenomenológico-existencial da Geografia, ambos não podem ser dissociados (RELPH, 2012; MARANDOLA JR., 2017). Há uma tonalidade afetiva na paisagem, uma relação existencial com a Terra (DARDEL, 2015). A paisagem, assim como o lugar, graças ao aporte fenomenológico da Geografia, é um conceito que auxilia a compreender a conexão homem-Terra. De certo modo, ela é uma dimensão expressiva do lugar.

Em suma, a co-pertença homem-terra é expressa, externalizada pela paisagem. Eric Dardel delinea com mais vigor este caráter de ligação, como vemos em “O Homem e a Terra”, no qual “expõe a paisagem enquanto um momento vivido, sendo ela uma ligação interna e não um conjunto de justaposições” (FERREIRA, 2017, p. 67). Vale a pena, pois, buscar as raízes das paisagens no geógrafo francês a fim de estabelecer relações com a filosofia hermenêutica de Pareyson (2005).

A VIA DARDELIANA E SUAS REPERCUSSÕES

O cerne epistemológico de Dardel (2015) repousa no conceito de espaço, uma opção que advém não da Geografia e, sim, da Filosofia (BESSE, 2011). Trata-se, pois, de um espaço geográfico compreendido como espaço vivido, concreto, praticado. Um espaço necessariamente

oposto ao espaço do geômetra: “um espaço que se dá e que responde, espaço generoso e vivo aberto diante de nós” (DARDEL, 2015, p. 26). Não obstante a isso, Dardel (2015) também utiliza o conceito de paisagem. Na concepção dardeliana de geografia (e isso rebate no conceito de paisagem), então, há uma dimensão do espaço da vida, enfatizando os aspectos pré-reflexivos dos fenômenos e implicando necessariamente com a experiência de mundo do sujeito (BESSE, 2014a). O que Dardel (2015) visa, na verdade, ao propor essa nova concepção de Geografia é salvar o mundo sensível; diz não à reificação e a uma visão objetificante do espaço geográfico e, conseqüentemente, da paisagem.

Ao postular esse “salvamento” do mundo sensível, Dardel (2015) concebe a paisagem como o “rosto” da Terra. Besse (2015a), ao explicar essa concepção, alerta para uma compreensão específica da metáfora, uma compreensão que não limita a pensar o rosto como uma exterioridade da superfície terrestre, como algo visado, objetivado pelo olhar. Efetivamente, o rosto tem a capacidade de exprimir e se exprimir. Assim sendo, o que Dardel sugere, na realidade, ao propor o estudo do rosto da Terra é. Com efeito,

É o que institui o rosto como rosto, é o que ele assinala: o contemplado, de onde acessamos a manifestação de uma interioridade, de uma intenção expressiva contrariamente impenetrável. Remeter-se à Terra sob a forma de um rosto é, portanto, reconhecer os traços da presença de um “espírito”, é acolher o testemunho, em atitude mais de escuta e de diálogo do que de abstração esquematizadora (BESSE, 2015a, p. 127).

Tal entendimento, então, sugere uma hermenêutica sustentada por uma via dialógica, de mão dupla, que reconheça a necessidade do diálogo, da escuta e não da “objetivação” da paisagem. Essa compreensão da Geografia como um exercício hermenêutico é posta

A hermenêutica das paisagens: um diálogo entre Geografia e a filosofia de Luigi Pareyson
 Francijonison Custodio do Nascimento e Maria Helena Braga e Vaz da Costa

logo no início de “O Homem e a Terra”, quando Dardel (2015, p. 2, destaques no original) advoga, apelando para a etimologia, que o papel da geografia é interpretativo: “[...] o termo grego a Terra é um **texto** a decifrar, que o desenho das costas, os recortes das montanhas, as sinuosidades dos rios, formam os signos desse texto”. Assim sendo, a Geografia, não mais entendida como “ciência natural”, é compreendida como leitura, como decodificação, como interpretação da paisagem ou do solo; ela é “uma experiência hermenêutica” (BESSE, 2014a, p. 94). Além do mais, reafirma como a paisagem possui uma anunciação de símbolos, uma expressão de significados.

É a mesma compreensão de Seamon (2000), cujo o entendimento propõe que, na abordagem hermenêutica, o geógrafo parece tatear o fenômeno e dar espaço para que este último se revele a seus olhos e ouvidos, para que ele conte sua própria essência a fim de gerar compreensão por parte do geógrafo. Contudo, como se explicará posteriormente, para Dardel (2015), o fato da paisagem ter uma expressão de significados por si mesma não impede a participação do geógrafo. Pelo contrário, este possui um papel crucial, posto que a via hermenêutica é, necessariamente, dialógica e relacional. O que importa aqui é compreender que os odores, as sonoridades, as cores e os demais elementos da paisagem carregam, em si, um sentido próprio, dando uma densidade ontológica a própria paisagem (BESSE, 2014a). Ela possui, pois, um dinamismo próprio e não necessita da palavra do geógrafo-hermeneuta para existir, posto que tem sentidos, significados *per si*.

Na perspectiva dardeliana, esses sentidos, esses valores não estão escondidos no subsolo de uma projeção cultural, mas são acessíveis, estão impressos no rosto da paisagem (BESSE, 2015b). De fato, o acesso a esses sentidos se dá “imediatamente”, como que de bate-pronto, isto porque ele ocorre no âmbito de uma pré-compreensão originária.

Essa aproximação se constitui através das aparências, isto é, na “[...] experiência direta do **aspecto** das coisas [...]” (BESSE, 2015b, p. 117, destaques no original). Tal postura dardeliana se justifica diante daquilo que o geógrafo francês pensa ser uma atitude puramente cientificista, ou melhor, intelectual, cerebrina, no sentido de que envolve apenas o intelecto e não o ser humano em sua completude. De fato, Dardel (2015) pensa que uma postura estritamente racionalista acaba por reificar os fenômenos geográficos e, conseqüentemente, a paisagem.

Essa postura criticada por Dardel (2015), outrossim, é problemática, posto que desemboca numa estranha lembrança; ela lembra as lacunas da “razão impaciente”, a qual concebe os aspectos geográficos como ilusões, como algo que precisa ser deixado de lado para se encontrar a verdadeira essência. É a postura que concebe as aparências como algo superficial, próximo ao engano. É partindo dessa concepção que valoriza a experiência sensível, a aparência do fenômeno em si que Dardel (2015, p. 23) faz uma pertinente – ainda que retórica – indagação:

Quem tem razão aqui, a ciência que tende a reduzir o mundo a um mecanismo ou a experiência vivida que se apropria do mundo exterior ao nível do fenômeno? E como rejeitar, sem mais restrições, como falsas aparências essas que surgem ao nosso encontro, [...] despertando nossa sensibilidade ao fantástico do mundo?

Assim, o geógrafo francês nega todo o estatuto científico que negue a aparência dos fenômenos geográficos, tratando-a como falsa ou ilusória. Dardel propõe, então, uma Geografia que se preocupe com a fisionomia das aparências dos fenômenos geográficos (BESSE, 1988; 2015b; HOLZER, 2016; FERREIRA, 2017).

Desse modo, a via dardeliana, explica Besse (2015a), opta por uma via romântica. Nesta, há uma primazia da sensibilidade, um favorecimento

A hermenêutica das paisagens: um diálogo entre Geografia e a filosofia de Luigi Pareyson
 Francyjonison Custodio do Nascimento e Maria Helena Braga e Vaz da Costa

de uma reconciliação, um reatar do ser humano com o mundo. De fato, o **impacto** diante da paisagem, a experiência sensível diante dela vai além das leis, símbolo mor da ciência contemporânea de Dardel. Com efeito, este impacto “reúne o mundo e o homem, o homem e o homem” (BESSE, 2015a, p. 118). Isto é, a paisagem, o impacto com o sensível, apresenta a reunião homem-mundo.

Assim, ao se inspirar nesta via romântica, Dardel associa a paisagem enquanto expressão de uma interioridade ao “salvamento” das aparências, ao deslocamento da sensibilidade para uma outra posição, na qual as aparências são manifestações do ser e não meras ilusões. Isto é, um entendimento em que a paisagem não é um objeto inerte, mas no qual a essência é vinculada a aparência, posto que se manifesta como fenômeno (COUTINHO, 2019). Besse (2015b) e Coutinho (2019) pontuam, inclusive, que essas aparências dos fenômenos geográficos também são portadoras de dimensões imagéticas e simbólicas e não faces ilusórias do real. Isto por que a própria fisionomia, como aludem outros autores como Collot (1986; 2014) e Ferreira (2017), são portadoras de um significado. Trata-se, portanto, do fim da dicotomia entre signo e sentido (AGAMBEN, 2013). A proposta dardeliana leva a compreender que o sentido está no signo expresso, no sensível. Dessa maneira, o sentido não apaga o signo e tampouco o signo abole ou esconde o sentido.

Esta via romântica que inspira Dardel, ainda, promove uma retomada da intuição dos filósofos da natureza, como Goethe e Humboldt (BESSE, 2015a). Esta intuição sugere a paisagem como algo expressivo, de tonalidade própria, “atravessada” por um espírito, um hálito de vida que lhe é singular. Isto porque a paisagem, enquanto fisionomia da Terra, manifesta seu ser: “Montanhas e falésias fazem aparecer a ossatura da Terra” (Dardel, 2015, p. 16). De tal modo, o ser que lhe interpreta, ao encontrá-la, é também crivado, impactado. De fato, no

fazer hermenêutico, o geógrafo que se depara com uma paisagem é atravessado por ela. A paisagem, abrupta e/ou sorrateiramente, lhe invade. É, sem dúvida, uma relação umbilical, “uma relação que afeta carne e sangue” (DARDEL, 2015, p. 31), isto é, até o âmago do seu ser.

Daí a pertinência de, nesse encontro, dar um lugar privilegiado aos signos. Dardel (2015), aliás, influenciado pelas filosofias do significado, dá ênfase a leitura – muitas vezes, hermenêutica – da fisionomia da terra, ou melhor, dos signos que compõem a superfície terrestre. Assim, o “conhecimento geográfico tem por objeto esclarecer esses signos, isso que a Terra revela ao homem [...]” (DARDEL, 2015, p. 2). O autor francês, então, confere o fazer do hermeneuta ao geógrafo. Assim, na perspectiva dardeliana, a paisagem, por ser um texto, é carregada de sentido e não é meramente um objeto simplesmente regido por leis. Com essa compreensão, Dardel insere a geografia nas disciplinas hermenêuticas (BESSE, 2014a; 2015a). Desse modo, o geógrafo, enquanto hermeneuta da paisagem, deve ler e interpretar a fisionomia da paisagem, posto que esta se revela ao geógrafo. Esta compreensão dardeliana é vital não somente no aspecto epistemológico, mas desemboca em posturas metodológicas igualmente renovadoras. De fato, já na década de 1980, quando a obra dardeliana foi descoberta na Geografia Acadêmica, Besse (1988) e Holzer (1998) reconhecem que o trabalho de Dardel era de grande valia para a epistemologia geográfica, provocando uma renovação, sobretudo, nas metodologias.

A grande diferença para as outras perspectivas é que, bebendo da fonte da geografia dardeliana, o papel do geógrafo, o hermeneuta da paisagem, não é mais procurar um sentido por trás da paisagem. O geógrafo deve perguntar, então, pelo o que faz aparecer a realidade geográfica e como se dá esse “aparecer” (BERQUE, 2017), pelo texto que a paisagem é ao evidenciar, em si mesma, um sentido (DARDEL, 2015; BESSE, 2015a). Isto por que a hermenêutica é a teoria e prática

A hermenêutica das paisagens: um diálogo entre Geografia e a filosofia de Luigi Pareyson
 Francijonison Custodio do Nascimento e Maria Helena Braga e Vaz da Costa

da interpretação, particularmente a interpretação de textos, que pode ser qualquer expressão tangível imbuído de alguma forma com significado, a exemplo das paisagens, e seu intento é descobrir significados no próprio texto e não fora dele (SEAMON, 2000). Para as geografias que possuem interesse nas paisagens e as compreende como um texto, é necessário, então, um exercício exegético, uma leitura acurada dos signos geográficos que desemboca inescapavelmente numa interpretação, num encontro entre a paisagem e o geógrafo-hermeneuta.

Assim sendo, como utilizar a epistemologia dardeliana, em consonância com a filosofia pareysoniana para metodologias na geografia? A primeira coisa a entender é que não se pode enquadrar Dardel dentro de uma perspectiva semiológica, como sugeriu Raffestin (1988) ao propor o uso de Roland Barthes na ciência geográfica. A compreensão dardeliana de paisagem como texto a ser decifrado não pode ser outra a não ser uma compreensão hermenêutica. Para entender isso, é preciso entender que o estudo semiológico na Geografia faz do espaço ou da paisagem um objeto, o que contradiz a perspectiva dardeliana de espaço vivido, pois a semiologia do espaço seria ainda um pensamento que insere o espaço dentro de leis objetivas, das dicotomias modernas que separa objeto e sujeito, da necessidade de se debruçar sobre a paisagem e não permitir que ela vá de encontro ao ser humano (BESSE, 1988). A Hermenêutica, por sua vez, não permite essa “objetivação” da paisagem com uma proeminência do sujeito sobre o objeto, mas segue uma senda menos hierarquizante nesse sentido ao propor o fim do dualismo sujeito/objeto, pois, na proposta dardeliana, a paisagem se revela ao ser humano e vice-versa, como se já aludiu anteriormente.

A segunda coisa é que Dardel (2015), como já exposto, une Hermenêutica a Fenomenologia e, ao fazer isso, propõe uma

interpretação diferente da neomarxista. Agora não se trata de discursos ou ideologias que estão por trás da paisagem (BESSE, 2011). A interpretação proposta por Dardel é sobre os signos, o rosto da Terra, aquilo que é se releva, a fisionomia: “Há manifestadamente, para Dardel, uma verdade das aparências, porque elas não são ilusões, mas a **fisionomia** do fenômeno” (BESSE, 2015a, p. 118, destaques no original). Assim, a paisagem não é uma máscara da realidade ou simplesmente uma cópia da realidade. Ela tem o caráter desvelador, evidenciador. Daí propor uma metodologia para a Geografia baseada não em interpretações de discursos, no olhar alheio que definiria completamente seu estatuto e o que ele **representaria**, mas naquilo que se anuncia ao geógrafo; naquilo que a paisagem narra, diz.

Na verdade, como consequência da introdução da Fenomenologia na ciência geográfica, a proposta de Dardel (2015), como já dito, é uma resposta a toda a cultura ocidental que enxerga a impossibilidade do conhecimento nas aparências, no sensível. Nesta cultura, conhecer significa justamente fugir das aparências; na senda platônica, significa salvar as aparências. Se Kant é responsável por separar a razão do gozo, o sentir do conhecer, foi outro filósofo, Platão, aquele que postulou inicialmente a incapacidade do visível mediar o processo de conhecimento, de revelar algo. O filósofo grego, na “República”, afirma, a propósito da Astronomia, que não se pode fixar apenas nos fenômenos visíveis, a saber: as belas constelações bordadas no céu (AGAMBEN, 2013). A primazia, como já citado, estaria nas relações matemáticas “invisíveis” que regem os fenômenos visíveis, aviltando o mundo das aparências. Assim, a presença do visível unicamente não podia ser objeto da ciência. Seria, portanto, primordial “salvar as aparências”, ir além do visível, nas camadas atrás da aparência, daquilo que se mostra.

A hermenêutica das paisagens: um diálogo entre Geografia e a filosofia de Luigi Pareyson
 Francyjonison Custodio do Nascimento e Maria Helena Braga e Vaz da Costa

Maffesoli (2010) também comenta sobre esse “salvamento das aparências” e esclarece que ele é/era fruto de doutrinas ascéticas que privilegiam os aspectos cognitivos e intelectuais em detrimento do aspecto das aparências, do sensível, sendo este último uma mentira, uma ilusão e até mesmo algo que devia-se desconfiar e rejeitar. Para o filósofo francês, essa valorização do cognitivo, encontrada em toda a história do Ocidente e com auge da chamada Modernidade, expulsa da ciência e de todos os campos da vida aquilo que é suspeito ao cérebro. Ainda que considerado importante e legítimo em vários períodos, esse processo de extrema racionalização acabou por excluir o sensível do processo de compreensão do mundo. Essa ruptura entre o intelecto e o sensível subordinou as sensibilidades, à razão.

A Geografia fenomenológica-existencial de Dardel (2015), contudo, deu primazia às aparências ao propor uma relação equivalente entre o sensível e o sentido. Assim, “o sensível, longamente estigmatizado, pode ser um fator de conhecimento” (MAFFESOLI, 2010, p. 62-63). Nesse contexto de retorno da “dignidade” do sensível, as paisagens não mascaram o mundo, não são ilusões ou máscaras, mas o revelam e expressam o próprio mundo. Daí a necessidade de se enveredar, cada vez mais, em metodologias com um aporte fenomenológico-existencial. Luigi Pareyson, posto em diálogo com Dardel, pode auxiliar neste caminho que rumo a uma hermenêutica geográfica.

POR UMA HERMENÊUTICA GEOGRÁFICA

Diante do exposto, como interpretar as paisagens, segundo essa abordagem fenomenológica-existencial? Que caminhos tomar? A priori, é necessário não cair em dicotomias que neguem a compreensão explicada acima e busquem significados geográficos fora do sensível. A perspectiva marxista, por exemplo, ao procurar os significados

das paisagens fora da paisagem, num outro plano cultural, nega a sensibilidade e cai numa dicotomia (DUNCAN, 2004; PEDROSAS, 2016). Comentando sobre isso, delineando um pensamento parecido com Dardel (2015), Luigi Pareyson (2001) critica uma visão de mundo que separa o signo do significado, se focalizando apenas num dos aspectos e promovendo uma postura dicotômica para a interpretação das paisagens.

De fato, para este filósofo italiano, a dicotomia se manifesta, de um lado, num **sensualismo** e, de outro, num **espiritualismo**. E um olhar acurado, voltado para aquilo que é vivo e total necessita se desvencilhar desta atitude dicotômica. Para o autor, não há nada ligado à sensibilidade que não seja significado e, igualmente, não há significado que não esteja inscrito no sensível. Não é possível separar as duas coisas. Assim, Pareyson (2001), assim como Dardel (2015), propõe o fim da dicotomia entre o sensível e o significado, postulando por uma **coincidência** entre ambos, isto é, uma implicação mútua.

Daí a negação do que ele chama de sensualismo, também comentado por Maffesoli (2010), que se fixa somente no aspecto sensível, como também denuncia o espiritualismo que busca unicamente os significados “desencarnados”, livres e desvinculados do sensível, como se fossem espíritos sem corpos. Assim sendo, não se trata de restringir-se ao aspecto sensível e muito menos de procurar atrás da paisagem, ou além dela, qualquer coisa. Trata-se, na verdade, de “saber olhar a sua própria realidade sensível **como** significado [...]” (PAREYSON, 2001, p. 205, destaques no original). Esse movimento é importante, pois, na concepção de Pareyson (2001), nunca o significado é tão profundo como quando é visto na sua realidade sensível.

Assim, para uma hermenêutica geográfica coerente, não se pode cair em dicotomias, em pensamentos de dilemas. Não basta ficar entre o sensualismo e o espiritualismo, mas se inquietar com o **entre**;

A hermenêutica das paisagens: um diálogo entre Geografia e a filosofia de Luigi Pareyson
 Francynison Custodio do Nascimento e Maria Helena Braga e Vaz da Costa

isto é, fazer do exercício do **entremeio**. Urge fazer a experiência do **oscilar**, como sugere Gumbrecht (2010). É necessário postular a possibilidade da significação no sensível, do sentido inerente a própria paisagem; optar pela **coincidência**. Trata-se, pois, de negar tanto o sentido subjacente, distante, noutra lugar. Enveredar-se por esta senda, pontua Maffesoli (2010), auxilia no estabelecimento de uma perspectiva mais holística, integrativa, aberta, como sempre intentou a Geografia humanista.

Urge, assim, optar por uma via mais aberta, menos engessada, que convida a uma espécie de liberdade ligada ao apelo das paisagens: a via hermenêutica proposta por Dardel (2015) em diálogo com Luigi Pareyson (2001; 2005), a qual, como viu-se, concebe os sentidos na própria paisagem e propõe decifrá-los, dissipando pensamentos dicotômicos e se colocando como um *middleway*, um caminho intermediário (SEAMON, 2000). Isto não significa descartar uma fina prosa descritiva, própria da Geografia Clássica, como recordam Tuan (1982) e Claval (2010), mas, com o auxílio da descrição e indo além dela, compreender as paisagens e suas inerentes significações. Postura própria não só da Geografia Clássica, mas também dos geógrafos que se interessam e primam pelo estudo da relação dos seres humanos com a Terra, pela experiência terrestre do homem.

Urge, assim, uma descrição influenciada pela *description raisonnée* vidaliana, oposta aos inventários e que apela para os signos terrestres, que reclama uma reflexão por parte do geógrafo-intérprete, mas que dá lugar também às feições da paisagem (GOMES, 2017). É preciso, pois, que o binômio descrição-decifração estejam sempre juntos para seguir uma senda dardel-pareysoniana.

Aliás, para Dardel (2015), descrição e decifração (leitura) são inseparáveis, posto que, como dito, os aparelhos de mensura e o pensamento calculador não são os grandes companheiros de Dardel.

Este concebe a geografia sob a égide de uma nova missão: restituir ao conhecimento científico seu significado cosmológico. Porque o geógrafo, deve compreender, fazer um esforço de compreensão e não analisar, isto é, se lançar sem reservas às leis de causalidade e/ou operações de objetivação científica, que expropriam a possibilidade da integridade e acabam por alienar, esquecer a vocação geográfica de compreender a relação do ser humano com a Terra, expresso pela paisagem. Isto por que esta última “é um corpo portador de sentido mais do que um objeto regido por um sistema de leis” (BESSE, 2015a, p. 127). Daí a proposição de uma compreensão e, para que isto ocorra, a necessidade de uma hermenêutica geográfica, pois compreender é interpretar. Ou seja, é próprio da interpretação desabrochar de uma compreensão (PAREYSON, 2005).

Assim sendo, nos moldes dardelianos, isto é, na Geografia incluída nas ciências hermenêuticas, a primeira vocação do geógrafo não está em **explicar, analisar** os fenômenos, mas, sobretudo, em compreendê-los. Decerto, a explicação, entre outras coisas, promove um distanciamento entre aquele que interpreta e a paisagem. É sempre necessária uma “despersonalização do olhar” (BESSE, 2015a), que separa tanto o intérprete da paisagem como o processo hermenêutico do mundo de valores. E a postura hermenêutica, como pontua Pareyson (2005), é sempre personalizada.

Ademais, compreender significa encontro, enlevar-se. Não se trata de uma explicação causal, de uma aplicação implacável de um regime de leis inflexíveis e de categorias abstratas. Assim sendo, compreender “[...] não é reagir sob a pressão exterior de um estímulo, é observar a partir de um ponto de vista de um valor [...]” (BESSE, 2015a, p. 128). E o geógrafo, assim como o poeta e o filósofo, busca ler as linhas, as sinuosidades, os traços do mundo e daí tirar lições (BESSE, 2014b). É, nesta perspectiva, um encontro dialógico com a paisagem, um

A hermenêutica das paisagens: um diálogo entre Geografia e a filosofia de Luigi Pareyson
 Francijonison Custodio do Nascimento e Maria Helena Braga e Vaz da Costa

permitir-se entrar em contato com ela, uma relação de acolhimento entre geógrafo e paisagem. É permitir-se ser tocado pela paisagem; entrar em contágio. É um ser invadido pela tonalidade própria da paisagem, ser atravessado por ela. Besse (2015a), inclusive, aponta que se trata de um verdadeiro e profundo encontro interpessoal. Este encontro, na realidade, é duplo: hermeneuta-paisagem; paisagem-hermeneuta.

Assim sendo, na via dardeliana, o intérprete encontra na paisagem um rosto, “uma feição, um acolhimento” (DARDEL, 2015, p. 44). Nesta espécie de tertúlia geográfica, o exegeta da paisagem, por assim dizer, se depara com “alguém”, dona do rosto, cujas as feições lhe transmitem algo. É como encontrar uma pessoa amada e perceber – quase intuir – em seu sorriso o sentimento que lhe é próprio, que está nela e não em outro lugar.

Daí pensar que a metáfora do rosto, deste modo, também se mostra pertinente para pensar a hermenêutica paisagística, posto que propõe a esta última um caráter de encontro, de relação “interessada”, na qual os valores do intérprete também são levados em consideração. Isto acontece, explica o autor, por que a singularidade da paisagem reclama da parte do exegeta da paisagem uma capacidade compreensiva, uma postura interessada e não de passividade. Ainda que se saiba que as paisagens se revelem, que há uma vontade manifestativa (PAREYSON, 2001), que é necessário uma certa receptividade, na qual “se deixa o objeto ser [...]” (PAREYSON, 2005, p. 206), isto não se configura numa passividade, posto que também é uma espécie de posse: paisagem e exegeta se possuem, se doam um ao outro, estabelecem uma relação, um vínculo.

Assim sendo, a leitura e a codificação não se constituem como um esquecimento de si por parte do hermeneuta, o que desembocaria num estado de passividade. Com efeito, Pareyson (2005) nega esse

entendimento que levaria, cabalmente, à anulação do exegeta no processo. Em tal entendimento, a interpretação desencadearia numa proeminência da paisagem, processo no qual esta última impera soberana e é pensada como protagonista única, esvaziando a compreensão de relação e aviltando o papel do intérprete. Este último, na verdade, se empenha, empenha sua humanidade – coração, sentidos, inteligência – e faz da interpretação dos signos da paisagem um ato complexo, integral e não uma relação despersonalizada (PAREYSON, 2005; BESSE, 2015a).

Efetivamente, para Pareyson (2001), a interpretação possui um caráter de pessoalidade. Isto não demanda, como aludido, um insuperável subjetivismo, uma marca do reino do opinável. Para o autor, a personalidade do intérprete não constitui um obstáculo. No processo hermenêutico, não há despersonalização, cuja função seria, em teoria, buscar uma interpretação única, fatal e insuperável. Isto porque a interpretação

[...] é uma forma de conhecimento onde não há penetração a não ser como simpatia, nem descoberta a não ser como sintonia. Se a interpretação não tem outro órgão do conhecimento senão a personalidade do intérprete, esta não chega a compreensão a não ser através da **congenialidade**, que se torna, portanto, o grande dever do intérprete (PAREYSON, 2001, p. 235, destaques no original).

Isto é, no entendimento do filósofo italiano, para que o fenômeno se revele, causando compreensão, é necessário a figura do intérprete, daquele que se põe em condições de “escutar” as coisas, para usar a metáfora de Buttimer (1982), e/ou de ler as paisagens, para utilizar a concepção dardeliana. De fato, se a paisagem precisa ser “interrogada” para responder se revelando, se ela necessita de olhos e ouvidos atentos para sua epifania, se ela atravessa o ser como relembra

A hermenêutica das paisagens: um diálogo entre Geografia e a filosofia de Luigi Pareyson
 Francijonison Custodio do Nascimento e Maria Helena Braga e Vaz da Costa

os geógrafos já citados, o intérprete não pode ser negligenciado. Ainda que a paisagem se expresse, cabe ao exegeta da paisagem, o geógrafo, interrogá-la de modo a ser “atingido” pela resposta mais reveladora. De fato, no processo hermenêutico, a proeminência não está no intérprete nem nas paisagens, mas na relação empática, na congenialidade, no diálogo.

A interpretação, assim, também não cai em dicotomias, mas, como dito, é um esforço do **entre**, posto que os sentidos, na paisagem, se dão na relação. O exercício da congenialidade permite que a interpretação seja, ao mesmo tempo, a revelação do “objeto” e a expressão do “sujeito” (PAREYSON, 2005). É o mesmo entendimento de Dardel (2015) ao propor a Geografia como ciência hermenêutica: negar o objetivismo sem cair no subjetivismo, que são sempre lentes deformantes. Tal negação exige uma intersubjetividade na relação com a paisagem. Unindo os pensamentos de Pareyson (2001; 2005) e Dardel (2015), pode-se falar de uma congenialidade geográfica, de um encontro empático com a paisagem.

Seguindo por esta mesma senda de encontro empático, Seamon (2000) sugere, nos estudos geográficos, o que ele denomina de empirismo radical (*radical empiricism*). Este procedimento valoriza a ligação sujeito-mundo: o pesquisador procura estar aberto ao fenômeno e permitir que ele se mostre em sua plenitude e complexidade por meio de seu próprio envolvimento e compreensão direta – o contato direto com o fenômeno explica o termo “empirismo” e não a forma como pesquisadores ligados ao Positivismo comumente o usam.

Nesse empirismo radical, então, a compreensão surgiria da sensibilidade e consciência pessoal do geógrafo em encontro com o fenômeno e não necessariamente das abstrações ou dos instrumentos de mensura, como já aludido anteriormente. De fato, o autor insiste

no contato direto do geógrafo com o fenômeno a ser estudado. Deste contato, continua explicando Seamon (2000), segue-se uma observação cuidadosa e uma descrição. Mais do que isto, se tratando de paisagens *in situ*, filmes, livros ou fotografias, é necessário mergulhar, imergir no “texto” para que este se torne familiar, aprofundando sua experiência e igualmente sua compreensão. Em suma, o geógrafo deve facilitar para si uma intimidade com o fenômeno por meio do envolvimento prolongado e em primeira mão, direta (SEAMON, 2000). Esta noção de encontro com o fenômeno é própria também de uma abordagem hermenêutica proposta por Dardel (2015) e Pareyson (2005).

Dessa maneira, é imprescindível este encontro, este contágio com a paisagem. Este encontro, que Dardel (2015) chama de inesquecível, de um maravilhamento original do contato hermeneuta-paisagem, é “natural” deixar que a palavra irrompa, descrevendo, retratando, ecoando o encontro com a/na paisagem. Compreender, portanto, significa “[...] articular surpresa originária com palavra comunicável” (BESSE, 2015a, p. 130). Com efeito, compreender, na via dardel-pareysoniana, é um movimento próprio do interpretar, do decodificar; ambos são indissociáveis. Decifrar a paisagem exige, clama por uma compreensão, posto que significa traduzir o que foi gerado a partir do encontro hermeneuta-paisagem. Isto é, “[...] traduzir a emoção bruta que esse encontro faz nascer e crescer em nós, em outra linguagem, possuidora de poder de elucidação” (BESSE, 2015a, p. 130). De tal modo, o saber geográfico, advindo do processo hermenêutico, se constitui como um eco, uma repercussão provocada no intérprete com o encontro da paisagem, do “texto paisagístico”. De fato, numa clara alusão a Gaston Bachelard, Dardel (2015) relembra que a realidade geográfica ressoa no ser humano. As referências a Bachelard (1997; 2003) em Dardel, inclusive, para além do uso dos quatro elementos e do caráter do viver e imaginar a intimidade – seja no acolhimento ou

A hermenêutica das paisagens: um diálogo entre Geografia e a filosofia de Luigi Pareyson
 Francijonison Custodio do Nascimento e Maria Helena Braga e Vaz da Costa

na hostilidade – da Terra, está nessa ideia de ressonância e repercussão desta relação. Neste movimento, a Terra convida o ser humano a decifrá-la, a tocar seus mistérios, seu rosto e o Homem, por sua vez, fala deste encontro, o faz ecoar através das palavras quase sempre poéticas (BACHELARD, 2006). O projeto dardeliano está próximo ao de Bachelard, mas, segundo Besse (2014a, p. 89), vai além dele:

[...] ele conduz para além de Bachelard, e mais profundamente, ainda, a uma interrogação que está no centro de uma fenomenologia da percepção, uma interrogação que visa o nascimento das significações no próprio âmago do sensível. [...] É preciso insistir que a geografia, entendida fenomenologicamente, não está à procura de significações ocultas por detrás dos fenômenos terrestres, ela não é tampouco o simples levantamento de significações que o sujeito projeta sobre a Terra, mas ela é uma experiência de vida vivida pelo homem comum no encontro consigo mesmo, no contato com o mundo terrestre na orla, por assim dizer, das formas e dos símbolos que nascem, e este esboço de sentido ressoa em nós como um acontecimento, que é a nossa presença no mundo.

De fato, para Dardel (2015), assim como já exposto, não se trata de descobrir o “gênio” do espaço, dos lugares ou das paisagens numa concepção objetivista da paisagem tampouco de cair numa postura subjetivista, na qual o geógrafo hermeneuta é aquele que confere todo o sentido das paisagens. Trata-se do caminho intermediário, da via que se mobiliza no **entre**, a interexpressão do objetivo e do subjetivo, uma mistura: “A cor, o modelado, os odores do solo, o arranjo vegetal se misturam com as lembranças, com todos os estados afetivos, com as ideias” (DARDEL, 2015, p. 34). Assim, há sempre uma espécie de amálgama, um contato, uma escuta e um ressoar deste encontro.

Ademais, ainda que seja “difícil” apreender e dizer essa intimidade, essa repercussão, esse encontro com a paisagem, alertam Dardel (2015) e Besse (2014b), é sempre possível dizê-la. Mesmo que esse

envolva uma certa subjetividade, ele não é totalmente privado, fechado ao mundo; não está imerso no reino do subjetivismo ou numa dimensão unicamente relativa, posto que as impressões subjetivas se misturam, como num fluxo, às “configurações geográficas, [...] num acordo fundamental da nossa existência com o mundo” (DARDEL, 2015, p. 38). Também para Pareyson (2001) o processo de interpretação não se confina no campo da “interioridade”, do arbitrário. Assim, ao experimentar essa paisagem, no desfraldar a experiência da paisagem, é possível dizê-la, ou melhor, é possível reverberá-la, fazer ecoar a experiência.

Daí a necessidade de se permitir ser encontrado pela paisagem ou, seguindo a sentença de Han (2017), demorar-se junto à paisagem. Deixar, então, que a paisagem toque, encontre, atravesse o seu ser exegeta. Não é à toa, inclusive, que Dardel (2015, p. 33) comente que, no encontro hermeneuta-paisagem, há uma escuta, uma espécie de diálogo: “Há, na paisagem, uma fisionomia, um olhar, uma escuta [...]”; como também sugere Pareyson (2001; 2005). Pareyson (2001), aliás, define o processo de interpretação como um encontro de uma pessoa com um “objeto” a interpretar, delineando, dessa forma, essa dimensão relacional: “A interpretação ocorre quando se instaura uma simpatia, uma congenialidade, uma sintonia, um encontro [...]” (PAREYSON, 2001, p. 226). Assim, interpretar significa sempre um repercutir esse diálogo, ecoar as nuances desse encontro, dessa tertúlia geográfica, do escutar, como também propôs Dardel (2015). De fato, o processo construtivo de significado nasce do aspecto dialógico da relação hermeneuta-paisagem, do diálogo entre ambos, da cumplicidade do Ser entre o Homem e a Terra, carregadas de valores terrestres (DARDEL, 2015).

O hermeneuta necessita, portanto, de estar conectado com a paisagem, mobilizado por ela, posto em efervescência, em movimento

A hermenêutica das paisagens: um diálogo entre Geografia e a filosofia de Luigi Pareyson
 Francynison Custodio do Nascimento e Maria Helena Braga e Vaz da Costa

pela sensibilidade da paisagem, promover uma geografia do contato e da proximidade (BESSE, 2014b). De fato, como explica Pareyson (2005), numa interpretação, o sujeito não tem prominência e tampouco é posto em segundo plano, mas possui um lugar de “equivalência” ao que se acostumou chamar objeto no ato de contato, de intimidade. É importante frisar também que propor uma geografia dentro das ciências hermenêuticas também é pertinente, pois geograficidade e interpretação estão intrinsecamente ligados, posto que “[...] a interpretação é parte integrante e necessária do estar-no-mundo” (GUMBRECHT, 2010, p. 10). Isto é, é próprio do ser humano, inserido no mundo a rasgar espacialidades, interpretar. Concepção parecida com a de Pareyson (2005), para quem toda relação humana, não obstante seu caráter, é sempre interpretativa.

Fica evidente, então, que a via dardel-pareysoniana, a hermenêutica das paisagens, recusa tanto a neutralização axiológica da concepção iluminista e positivista quanto uma arqueologia semântica, a busca dos significados atrás das paisagens. Assim, o acesso aos significados geográficos presentes nas paisagens clama, exige por uma interpretação “interessada”, uma assunção ao horizonte de valores que negue a despersonalização (BESSE, 2015a). Desse modo, retomando a necessária relação entre intérprete e paisagem e o viés revelativo desta última, é possível compreender que “[...] a interpretação pode definir-se, de certo modo, como aquela forma de conhecimento na qual o ‘objeto’ se revela a medida em que o ‘sujeito’ se exprime, e vice-versa” (PAREYSON, 2005, p. 52). Há, dessa maneira, uma relação interpretativa. Nesta, o intérprete (o geógrafo) e o fenômeno (a paisagem) revelam-se, integralmente, em cada ato de interpretação. Desse modo, a compreensão de que o objeto simplesmente presente no mundo a alcance do olhar do geógrafo que o analisa friamente através de instrumentos de mensura não possui lugar na hermenêutica.

Ambos, geógrafo e paisagem revelam-se mutuamente, posto que há uma inescapável ligação entre eles. Compete, pois, ao geógrafo, hermeneuta das paisagens, buscar que o “texto”, a paisagem, fale, se anuncie.

Tal concepção, aponta ainda Besse (2015a), convoca a relação entre Geografia e verdade, ou melhor, a “verdade geográfica”. Esta última é fruto da compreensão interpretativa. Pareyson (2005) corrobora esse pensamento ao propor que toda interpretação é essencialmente veritativa, isto é, possui condições e status de verdade. Assim, a “verdade geográfica” não pode ser concebida como um produto de uma busca da objetivação dos fenômenos geográficos: “Uma verdade emerge da paisagem, contudo não como teoria geográfica [...]” (DARDEL, 2015, p. 32). Não é uma adequação a uma realidade externa do sujeito, configurando uma relação extrínseca, como sugere a perspectiva aristotélica (PAREYSON, 2005; BESSE, 2015a). Com efeito, numa via dardeliana, a verdade nesta adequação exterior: “A ‘verdade’ geográfica está na transferência de um valor [...]” (BESSE, 2015a, p. 132). Esse valor, explica Besse (2015a), é aquele que se apreende ao se ter contato. Collot (1986) também explica essa dinâmica ao evidenciar uma certa solidariedade, uma co-pertença entre a paisagem e aquele que a contempla e/ou a interpreta através de uma troca de valores, de uma relação de compreensão, na produção de uma verdade geográfica. É somente na participação, no permitir-se ser encontrado que a interpretação e compreensão se tornam possíveis. Por consequência, a experiência com a paisagem se transforma em saber geográfico, em verdade geográfica. O que importa frisar é que essa relação empática, essa ligação entre hermeneuta e paisagem supõe que experiência e verdade geográfica estão conectadas. A experiência da sensibilidade não é uma ilusão, como já ilustrado anteriormente. A geografia aqui proposta não destitui o sensível, mas o reconhece como uma das regiões da verdade.

A hermenêutica das paisagens: um diálogo entre Geografia e a filosofia de Luigi Pareyson
Francyjonison Custodio do Nascimento e Maria Helena Braga e Vaz da Costa

Ademais, Pareyson (2005) entra em consonância com Besse (2015a) ao elucidar que interpretação é essencialmente veritativa, isto é, associada a verdade. Explica o filósofo italiano que

O princípio fundamental da hermenêutica é, justamente, que o único conhecimento adequado da verdade é a interpretação, o que quer dizer que a verdade é acessível e atingível de muitos modos, e que nenhum desses modos, desde que digno do nome interpretação, é privilegiado em relação aos outros (PAREYSON, 2005, p. 56).

Desse modo, o processo hermenêutico sempre tem como fruto a verdade e, no caso da Geografia, o processo de hermenêutica paisagística gera uma verdade geográfica. Importante frisar, ainda, que essa verdade, diferentemente da concepção aristotélica, não é uma determinação autoritária, arbitrária, de valor despótico. A verdade geográfica não pode comparecer senão enquanto formulação (BESSE, 2015a). Ela, então, possui uma multiplicidade em suas formulações. Estas últimas são encarnações bem como posse efetiva da verdade e, explica Pareyson (2005), é a única maneira de existir e aparecer. O autor, para fins didáticos, compara a interpretação a uma canção, na qual a verdade é a própria canção ao passo que os diversos modos de executá-la são as formulações da verdade.

O intérprete, então, de certa maneira, não encontra uma verdade única, absoluta e invariável, mas expressa uma das diferentes formas da verdade. Isto porque não há processo de interpretação definitivo, engessado, posto que a revelação nunca está fechada; é sempre passível de aprofundamento, de integração. Esta característica, contudo, não significa que a interpretação é sempre falível devido a sua variedade, sua multiplicidade. Pareyson (2001; 2005) explica, aliás, que é exatamente o contrário: justamente por a interpretação ser um

encontro de uma pessoa com algo a interpretar que a sua multiplicidade significa riqueza. Cada interpretação é integral, inteira, mesmo não lhe exaurindo todas as suas possibilidades. De fato, diferentemente de outros métodos, a “confiabilidade” não se refere ao fato de que se pode estabelecer uma equivalência de medida, à quantificação. Num processo hermenêutico, a “confiabilidade” só pode ser obtida por meio do que pode ser chamado de corroboração intersubjetiva (SEAMON, 2000), isto é, da relação entre o “sujeito” e o “objeto”, entre o geógrafo e a paisagem. É o princípio de congenialidade, de relação empática, de participação que garante a integridade e o caráter veritativo, isto é, de verdade.

Tal participação, tal enlear é primordial, já que, nas ciências hermenêuticas, o “sujeito” e o “objeto” se pertencem; não há cisão entre o hermeneuta-geógrafo e a paisagem. Pode-se dizer que há uma relação de empatia (em alemão, *Einfühlung*⁸). É interessante notar que, segundo Curtis (2016), termos ligados ao *Einfühlung*, como o verbo *sich einfühlen*, eram usados por autores do romantismo alemão no sentido de descrever. Diante disso, é impossível não associar a influência romântica de Dardel (2015), sua predileção a descrever a paisagem e o termo alemão supracitado. A título de exemplificação, Curtis (2016) cita entre esses autores românticos Herder⁹, considerado por Gomes (2010) e Vitte (2009) como importante referência filosófica no início da ciência geográfica e que foi um dos responsáveis por introduzir uma crítica ao racionalismo kantiano bem como a necessidade de considerar a hermenêutica nos estudos sobre o espaço. Herder (1987), inclusive, postulou a necessidade de se ter empatia ao ler textos, ou

⁸ Pode ser traduzida como empatia (sentir-com), mas possui outras traduções.

⁹ Johann Gottfried von Herder foi um filósofo alemão. Aluno de Kant, Herder rompeu com o mestre e acabou por influenciar autores românticos como Goethe.

A hermenêutica das paisagens: um diálogo entre Geografia e a filosofia de Luigi Pareyson
 Francynison Custodio do Nascimento e Maria Helena Braga e Vaz da Costa

mais precisamente, o imperativo do *Einfühlung* para a interpretação não só de textos como também da cultura inscrita sobre o espaço e a história. Assim, levar esta noção de empatia (*Einfühlung*) para a interpretação das paisagens, consideradas como texto, é urgente, posto que reafirma a necessidade apontada por Herder (1987).

Diante de tudo isso e compreendendo que natureza específica do fenômeno é muito importante para estabelecer o procedimento de pesquisa mais indicado, a postura do exegeta da paisagem deve levar em consideração a necessidade da relação empática, deixar-se ser encontrado por essas paisagens. O “processo metodológico”, que leva em conta a confluência entre Dardel (2015) e Pareyson (2005) se estabelece sobre estes pressupostos teóricos apresentados até este ponto.

Desse modo, a observação acurada, uma descrição cuidadosa, uma leitura atenta e uma codificação compreensiva são os passos elencados na via metodológica. Assim, o enfoque do procedimento hermenêutico está na paisagem (reunião de sons, de luzes, do enlevo do tatear e do movimento da paisagem e não apenas um registro óptico). Para tanto, ao deixar a paisagem se revelar e ser alcançado pela expressão da geograficidade, deve-se descrever os elementos das paisagens, imergindo no mundo fenomênico da paisagem e permitindo que dessa experiência irrompa a compreensão (BESSE, 2015a; SEAMON, 2000). Após este bramir da experiência com a paisagem, faz-se uma leitura dos significados geográficos presentes e sua conseqüente interpretação. É importante frisar que o hermeneuta da paisagem deve estar disposto a retornar às paisagens repetidas vezes, especialmente se uma exploração de uma nova paisagem lhe oferecer insights sobre outras partes já consideradas. Tal disposição reflete uma fluidez de método, próprio do processo de interpretação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como toda proposta, esta é inacabada e, num movimento fluído e constante, está sempre em busca de novos referenciais e novas maneiras de estabelecer conexões entre a hermenêutica paisagística e uma filosofia vigorosa, rompendo as fronteiras disciplinares e lançando raízes mais fortes dentro da própria ciência geográfica, isto é, numa espécie de devir que se lança a buscar diálogos e se volta a si mais potente. Apesar de sua natureza inacabada, ela já nos aponta para um norte, para uma postura coerente com os postulados e os intentos de uma abordagem fenomenológica-existencial da Geografia. Ela sugere uma geografia do encontro, uma tertúlia geográfica que prima pelo enlevar entre o geógrafo e a paisagem que lhe cerca – ou melhor, na qual ele está inserido. Trata-se, pois, de uma hermenêutica da congenialidade, do contato, do ressoar.

A proposta teórico-metodológica aqui sugerida prima, então, por uma geografia de relação, uma ciência empática. Uma ciência geográfica que compreende, portanto, a força do fim das dicotomias das ditas ciências modernas. É um alento numa ciência em que ainda há muitos advogando a favor dos pensamentos de dilema (as separações entre o sujeito e o objeto, do signo e do significado), posto que auxilia a desatar o imbróglio das dicotomias que tantos geógrafos já denunciaram.

O norte apontado por este diálogo, com efeito, não causa desorientação, ainda que instigue o desejo de se perder na paisagem, posto que promove uma geografia hermenêutica que não avilta as teorias, mas que também não se submerge em abstrações teóricas ao postular a exposição a paisagem, ao demorar-se junto a ela, exercitando o poder da descrição, da surpresa das palavras a descreverem, do espanto diante do rosto da paisagem a dizerem verdades geográficas.

A hermenêutica das paisagens: um diálogo entre Geografia e a filosofia de Luigi Pareyson
 Francynison Custodio do Nascimento e Maria Helena Braga e Vaz da Costa

Ademais, beber da fonte dardel-pareysoniana vai de encontro a posturas engessadas, a pressupostos metodológicos paralisantes, posto que essa fonte sempre propõe novas voltas a paisagem a cada insight, permitindo sempre que novas descrições e codificações surjam diante de cada impacto com a paisagem, de cada balbuciar da fisionomia dos aspectos geográficos, como que a paisagem, a exemplo de um velho amigo ou de um amor de outrora, contasse um segredo que ainda não totalmente revelado, desvelasse sua identidade mais profunda, que só poderia ser acessada pela conversa, pelo diálogo. Beber desta fonte é propor um futuro: esquecer o objetivismo “pré-moderno” e o subjetivismo moderno e abraçar, com vigor, a confluência, o **entre**, os caminhos intermediários. É levar em conta ambos, dando fim às exclusões e optando por ver a realidade tal como ela é: vê-la sob o prisma da mistura homem-mundo, do enlevar.

Com efeito, por si só, o diálogo da Geografia com o pensamento filosófico pode ser frutuoso, mas esta potencialidade de gerar frutos ganha mais vigor quando se trata do entrelaçamento entre pensamento veritativo de Luigi Pareyson e sua hermenêutica com a ciência geográfica sob inspiração dardeliana. Se, não obstante a multiplicidade de trabalhos que usem a noção de geograficidade, a obra dardeliana ainda permanece relativamente pouco estudada no Brasil, dirá suas conexões com a obra de Pareyson igualmente pouco conhecida. Se o início se mostra promissor, o mesmo pode ser dito sobre o avanço nesse diálogo que pode ter desdobramentos mais frutíferos para a hermenêutica das paisagens.

Usar a metáfora do fruto e da árvore para concluir este artigo parece ser coerente: assim como os frutos são promessas de uma árvore feita realidade, este trabalho se coloca como germe de uma árvore que, plantada junto a ribeiros de água, poderá produzir frutos a perder de vistas. Árvores, de fato, são sempre um canto de esperança, uma

melodia que propõe mudanças, transformações. São a certeza de que, plantar-se perto de um ribeirão de potências epistêmicas, como são Dardel e Pareyson, gerará um renovar de ramos dos conhecimentos. A árvore é uma imagem do ato sempre necessário de buscar fontes filosóficas e geográficas para dar novas ramagens, fazendo florescer a Geografia de hoje. ○

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O homem sem conteúdo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BERQUE, Augustin. A cosmofania das realidades geográficas. **Geograficidade**, v. 7, n. 2, Inverno, 2017.
- BESSE, Jean-Marc. Lire Dardel aujourd’hui. **Espace géographique**, v. 17, n. 1, 1988.
- BESSE, Jean-Marc. L’espace du paysage: considérations théoriques. In: LUNA, Toni; VALVERDE, Isabel. **Teoría y paisaje**: reflexiones desde miradas interdisciplinarias. Barcelona: Observatorio del Paisaje; Universitat Pompeu Fabra, 2011.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a Geografia. São Paulo: Perspectiva, 2014a.
- BESSE, Jean-Marc. **O Gosto do Mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014b.

A hermenêutica das paisagens: um diálogo entre Geografia e a filosofia de Luigi Pareyson
Francyjonison Custodio do Nascimento e Maria Helena Braga e Vaz da Costa

BESSE, Jean-Marc. Geografia e Existência. In: DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2015a.

BESSE, Jean-Marc. Autour de L'homme et la Terre d'Éric Dardel. In: LUNA, Toni; VALVERDE, Isabel. **Paisaje y emoción: el resurgir de las geografías emocionales**. Barcelona: Observatorio del Paisaje; Universitat Pompeu Fabra, 2015b.

BUTTNER, Anne. Raison, rationalité et créativité humaine. **Travaux de l'Institut Géographique de Reims**, n. 51-52, 1982.

CLAVAL, Paul. **A terra dos homens: a Geografia**. São Paulo: Contexto, 2010.

COLLOT, Michel. Points de vu sur la perception des paysages. **L'espace géographique**, v. 15, n. 3, p. 211-217, 1986.

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014.

COUTINHO, B. T. A paisagem e o geográfico do espaço: o onde da ontologia em geografia. **Geosp – Espaço e Tempo**, v. 23, n. 1, p. 009-021, abr. 2019.

CURTIS, Robin. Einfühlung e abstração na imagem em movimento: reflexões históricas e contemporâneas. **Revista Eletrônica MAPA D2-Mapa e programa de Artes em Dança (e Performance) Digital**, Salvador, v. 3, n. 1, p. 9-38. 2016.

DAL GALLO, Priscila Marchiori; MARANDOLA JR., Eduardo. O pensamento heideggeriano na obra de Éric Dardel: a construção de uma ontologia da Geografia como ciência existencial. **Revista da ANPEGE**, v. 11, n. 16, 2016.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DUNCAN, James S. A paisagem com sistema de criação de signos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.) **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

FERREIRA, Rafael Bastos. Fenomenologia da paisagem: prolegômenos de uma geografia das essências. **Nufen: Phenom. Interd.** Belém, v. 9, n. 2, p. 63-74, 2017.

GERALDES, Eduardo Simões. Horizontes do mundo vivido: reflexões sobre a contribuição da hermenêutica para a geografia humanista. **Geograficidade**, v. 1, n. 1, Inverno, 2011.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia das formas simbólicas em Ernst Cassirer. In: BARTHE-DELOIZY, F., SERPA, A. (Org.). **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia**. Salvador: EdUFBA; Edições L'Harmattan, 2012.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOLZER, Werther. **Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI**. Tese (Doutorado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

HOLZER, Werther. **Geografia Humanista: sua trajetória 1950-1990**. Londrina: Eduel, 2016.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MARANDOLA JR. Sobre ontologias. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Org.). **Qual o espaço do Lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MARANDOLA JR., Eduardo. Morte e vida do lugar: experiência política da paisagem. **Pensando – Revista de Filosofia**, v. 8, n. 16, 2017.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PAREYSON, Luigi. **Verdade e interpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

A hermenêutica das paisagens: um diálogo entre Geografia e a filosofia de Luigi Pareyson
Francyjonison Custodio do Nascimento e Maria Helena Braga e Vaz da Costa

PEDROSA, Breno Viotto. O império da representação: a virada cultural e a Geografia. **Espaço e Cultura**, v. 1, 2016.

RAFFESTIN, Claude. Pourquoi n'avons-nous pas lu Éric Dardel? **Cahiers de géographie du Québec**. Montreal: Département de Géographie de l'Université Laval, v. 31, n. 84, p. 471-481, dez. 1988.

SAUER, Carl. A Educação de um Geógrafo. **GEOgraphia**. Niterói, Ano II, n. 4, 2000.

SEAMON, David. A Way of seeing people and place: Phenomenology in Environment-Behavior Researc. In: WAPNER, S; DEMICK, J.; YAMAMOTO, T; MINAMI, H. (Org.). **Theoretical Perspectives in Environment-Behavior Research**. New York: Plenum, 2000.

VITTE, Antonio Carlos. As influências da filosofia natural e da *naturphilosophie* na contribuição do darwinismo: elementos para uma filosofia da geografia física moderna. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 29, n. 1, jan./jun. 2009.

Submetido em Agosto de 2019.

Revisado em Outubro de 2020.

Aceito em Novembro 2020.